



Mário Correia\*

## RESUMO

O presente artigo trata da filosofia reflexiva de Paul Ricoeur. Mostra como ele retoma a crítica à filosofia do cogito sem negar sua existência, pois considera que a filosofia é, antes de qualquer coisa, reflexiva, reflexão sobre o si, figura do cogito. Diante disso, nos perguntamos sobre o sentido de reflexão e o significado do si, sobre seu lugar na reflexão, sobre que tipo de sujeito é ele e, por fim, que tipo de ser é o si. Desse modo, mostraremos que Paul Ricoeur é um filósofo reflexivo e, igualmente, filósofo do si, inserido na tradição da filosofia reflexiva.

**Palavras-chave:** Reflexão. Cogito. Si. Filosofia.

## Paul Ricoeur and reflexive philosophy – an introduction

## ABSTRACT

This article deals with the reflexive philosophy of Paul Ricoeur. It shows how he resumes the critique of the philosophy of the cogito without denying its existence, as he considers that philosophy is, above all, reflective, a reflection on the self, a figure of the cogito. In view of this, we ask ourselves about the sense of reflection and the meaning of the self, about its place in a reflection, about what kind of subject it is and, finally, what kind of being is the self. In this way, we will show that Paul Ricoeur is a reflective philosopher and, equally, a philosopher of the self, inserted in the tradition of reflective philosophy.

**Keywords:** Reflection. Cogito. Self. Philosophy.

## Introdução

O pensamento filosófico de Jean Paul Gustave Ricoeur (1913-2005) tem por base a tradição da filosofia reflexiva, a fenomenologia e a hermenêutica, como ele mesmo diz: “eu gostaria de caracterizar a tradição filosófica à qual me reporto com três traços: ela está na linhagem da *filosofia reflexiva*; ela permanece na esfera da influência da *fenomenologia husserliana*; ela quer ser uma variante *hermenêutica* desta fenomenologia” (RICOEUR, 1986, p. 25)<sup>1</sup>. Essa tríplice ascendência ricoeuriana é fundamental para a compreensão de seu pensamento e de sua trajetória de vida. Para isso, nos propomos nesse artigo a fazer uma breve apresentação sobre a filosofia reflexiva de Paul Ricoeur. É uma apresentação limitada, dada a extensão de sua obra e o fato de que, na totalidade de seu pensamento, os três aspectos destacados estão muito bem intrincados. No entanto, essa apresentação pode auxiliar quem está começando a leitura em Paul Ricoeur por oferecer um panorama geral desse aspecto que tão bem caracteriza sua filosofia.

Em linhas gerais, a tríplice herança corresponde a uma tríplice perspectiva do pensamento de Paul Ricoeur. A hermenêutica que aparece em terceiro lugar aponta para o escopo de suas contribuições, cujas marcas de Hans-Georg Gadamer e Martin Heidegger são inegáveis. A fenomenologia é a grande corrente de pensamento fundada por Edmund Husserl, muito presente na primeira fase do pensamento ricoeuriano e depois inserida na hermenêutica, sendo ainda muito bem utilizada na teoria da ação (filosofia prática). Quanto à filosofia reflexiva, em acepção mais restrita refere-se à história do pensamento francês que tem, entre suas raízes, o pensamento de René Descartes. Em acepção mais ampla, resvala em Immanuel Kant, Agostinho e está enraizada em Sócrates, no clássico “conhece-te a ti mesmo”. É a respeito da relação entre Ricoeur e essa tradição reflexiva, mas, sobretudo, ao modo como ele se torna filósofo reflexivo, que vamos tratar nas linhas que se seguem.

---

<sup>1</sup> Sobre a vida e a obra de Paul Ricoeur veja: DOSSE (2017). Ou também o que está disponível no site [www.fondsriceur.fr](http://www.fondsriceur.fr). Outra importante fonte é a autobiografia: *Intellectual autobiography in the Philosophy of Paul Ricoeur*. Tradução em português: *Autobiografia intelectual*. In: *Da metafísica à moral*, publicada pelo Instituto Piaget em 1997.

## Uma filosofia reflexiva

No portal do Templo de Delfos está escrito o preceito da filosofia reflexiva: “conhece-te a ti mesmo”. Sócrates, Agostinho, Descartes, Kant e tantos outros pensadores trabalharam, cada um a seu modo, a ideia de que o “conhece-te” se dá a partir da autorreflexão. Mais próximo de Ricoeur, Maine de Biran, Félix Ravaisson, Jules Lagneau, Jules Lachelier e Jean Nabert deram continuidade à difícil tarefa do “conhece-te...”, mas com uma importante diferença: a renúncia ao “imediato” da autorreflexão presente naqueles clássicos modernos. Esses autores mais recentes continuam a ter como referência o *cogito* cartesiano. Porém, numa espécie de reivindicação, eles o criticam e promovem um pensamento reflexivo destituído do imediato e aberto a outras referências para além e aquém do *ego cogito*. Paul Ricoeur segue a linha desses autores, recepcionando, se filiando a tradição reflexiva e assumindo seu próprio estilo. Por isso é importante demonstrar como se dá essa recepção e como seu pensamento pode ser chamado de reflexivo (reflexividade).

Embora o contato com a filosofia reflexiva francesa tenha ocorrido no início de sua carreira filosófica, sua influência permaneceu ao longo da trajetória intelectual de Paul Ricoeur. A recusa à consciência imediata, o profundo sentido do real e a adesão a uma filosofia da ação, por exemplo, estão em suas obras, desde as primeiras, *Philosophie de la voluntad* (1950/1960), fazendo-se presente naquelas consideradas mais importantes, como *Temps et recite* (1983-1985), *Soi-même comme un autre* (1990), bem como nas últimas publicações, *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000) e *Percours de la reconnaissance* (2004). Levar em conta esse trajeto nos faz entender por que na última década de sua vida, Ricoeur nos diz que permanece sendo um “filósofo reflexivo” (RICOEUR, 2009, p. 245). Um filósofo reflexivo que resiste a abstração idealista, bem como a uma visão puramente materialista do ser humano, pois a existência é concreta e o existente é reflexivo.

O pensamento reflexivo de Paul Ricoeur parte do pressuposto de que o *cogito* é um *cogito ferido, quebrado*. Essa quebra, com sugere Gagnebin, é possibilidade de “apreensão de uma unidade muito maior, mesmo que nunca totalizável pelo sujeito” (GAGNEBIN, 1997, p. 262). A apreensão da unidade do *cogito* não deixa de ser promoção do “conheça-te...” não somente por meio do *cogito* (reflexão/pensamento),

mas também por meio do *volò* (querer/ação). Com efeito, a tradição reflexiva predominante desde a modernidade privilegiou o pensamento em detrimento da ação, supervalorizou o *pensar* e deixou o *agir* em segundo plano, ou, simplesmente tomou a ação como mera consequência do pensar. Para Ricoeur, a filosofia reflexiva precisa assumir a tarefa de conciliar essas duas possibilidades, numa espécie de reivindicação do ato para equipará-lo ao pensar, pois ambos são realidades indissociáveis de um *cogito integral*.

Aproveitando-se da “fratura” do *cogito*, Ricoeur nos convida a uma reflexão articulada por toda a riqueza do campo prático. Nesse sentido, Ricoeur está muito próximo de Jean Nabert, a ponto de acolher muito de sua filosofia reflexiva. Para Nabert, num certo tom fichteano e crítico à filosofia kantiana, a reflexão não é uma intuição, nem um dado, mas um ato, uma tarefa. Uma tarefa que pressupõe um sujeito capaz de produzir e criar atos que definem sua posição filosófica no mundo. Cabe a reflexão, nesse caso, impulsionar a ação, sendo ela própria um ato peculiar do espírito humano (NABERT, 1957). Seguindo Nabert, Ricoeur concebe a reflexão como ato e esforço, como modo de se posicionar e capturar o *ego* no espelho do mundo. Nesse sentido, o *ego* não é dado, precisa ser conquistado; e o acesso a ele não é imediato, pressupõe as mediações. E assim a filosofia reflexiva de nosso autor se diferencia de toda filosofia do imediato, mantendo o objetivo de apreender o *ego*, só que em seu esforço para existir, no seu desejo de ser (RICOEUR, 1970, p. 41; RICOEUR, 1969, p. 442).

A proposta da filosofia reflexiva de Ricoeur se estabelece na medida em que cresce a resistência à imediaticidade do *cogito*. As suspeitas para com a imediaticidade foram fortalecidas no contato que ele teve com o existencialismo de Gabriel Marcel. Os famosos encontros das “sextas-feiras” o despertaram para os problemas da encarnação, da promessa e do mistério, além de fazê-lo desenvolver um pensamento crítico, uma crítica enquanto exercício de “reflexão segunda”, para dizer em termos marcelianos (RICOEUR, 1997, p. 54; MARCEL, 1924). Justamente essa reflexão segunda – também chamada de recuperadora – reforça a resistência ao imediato, ou melhor, à transparência de si mesmo do pensamento, e tende para o concreto. Além disso, o contato com Marcel permitiu Ricoeur se deparar também com o lado trágico da existência ou com as “experiências limites”, a serem reforçadas pelo

contato posterior que teve com Karl Jaspers (RICOEUR, 2009, p. 22). Disso resultou a necessidade de construir um pensamento reflexivo de conciliação de conflitos, em marcha crescente, rumo ao horizonte que vislumbra a “terra prometida” da ontologia.

Para todos, o ponto de partida do pensamento reflexivo é a própria reflexão. No entanto, reflexão, para Ricoeur, precisa ser diferente da direta constatação da “evidência do cogito”, do imediatismo que encontra uma verdade que se impõe a si mesmo, sendo impossível de ser verificada ou deduzida por outrem. Precisa ainda se dissociar do desejo de transparência absoluta, da perfeita coincidência de si consigo mesmo, de uma consciência que induz a um conhecimento irrefutável e, por isso, mais importante do que qualquer outra forma de conhecimento válido. Para Ricoeur, a reflexão “é o esforço de voltar a capturar o ego do *ego cogito* no espelho de seus objetos, suas obras e finalmente de seus atos” (RICOEUR, 2004, p. 41). A reflexão é um ato de voltar sobre si próprio, numa atitude de apreender um princípio unificador para as operações subseqüentes ao movimento de pensamento. Reflexão é modo de apreensão e apropriação reflexiva, em que o *ego* é perdido e reencontrado, se dispersa e se unifica, desprende-se de sua certeza e, então, pode ser reconduzido ao sentido da existência.

Com essa compreensão, Ricoeur está alinhado com a crítica do *cogito* cartesiano sem apoiar sua total aniquilação ou diluição. Pois, segundo ele, a filosofia é, antes de qualquer coisa, reflexiva, mais precisamente uma “reflexão sobre si mesmo” e o si é uma figura do *cogito* (RICOEUR, 1970, p. 40). Enquanto tal, a filosofia é reflexão sobre o *cogito*, podendo inclusive repensar suas formas de manifestação e modos de compreensão. Sendo assim, é importante então se perguntar pelo si da reflexão, sobre esse si mesmo; o si que a filosofia reflexiva moderna transformou em princípio unificador, de natureza fundante, por ser a primeira verdade que define “a posição de uma existência e de uma operação de pensamento: *existo, penso*” (RICOEUR, 1970, p. 41). Desde então, existir passou a ser sinônimo de pensar, de tal modo que se pensa à medida que existe. Chega-se à essa conclusão a partir da reflexão sem verificação, sem constatação de um fato, sem mediação, como atesta Ricoeur na passagem abaixo:

Admito que a posição do si mesmo é a primeira verdade para o filósofo, para a tradição que parte de Descartes, se desenvolve com Kant, Fichte e a

corrente reflexiva da filosofia continental. Para essa tradição, que consideramos como um todo antes de se opor aos representantes principais, a posição do si é uma verdade que se põe por si mesmo. Não pode ser verificada, nem deduzida; é, ao mesmo tempo, a posição de um ser e de um ato, a posição de uma existência e de uma operação de pensamento: eu sou, eu penso. *Existir para mim é pensar. Eu existo enquanto penso.* Uma vez que esta verdade não pode ser verificada como um fato, nem deduzida como uma conclusão, ela deve se colocar na reflexão. A sua autopoisição é reflexão (RICOEUR, 1969, p. 322).

Ricoeur não tem dificuldades em conceber a filosofia como reflexão sobre si (autorreflexão). Porém, ele não concorda em conceber o si somente como *existente pensante*, enquanto princípio epistemológico que se tornou o ponto de partida de toda a filosofia. A bem da verdade, para ele, o *si* é pensante, tanto quanto é agente: o *si* é reflexivo. O si não é ponto de partida, pois precisa ser conquistado, uma vez que está em causa no ato reflexivo. E a reflexão pressupõe um trabalho muito maior do que a direta autopoisição do si e a clara evidência cogitativa. O modo imediato e direto do pensar torna a reflexão uma intuição cega, anula a operação do pensamento que se dá por meio das mediações dos signos, das ações, das obras e monumentos nos quais o “si da reflexão” está envolvido.

Dizer que a filosofia é reflexiva significa dizer, ao mesmo tempo, que é uma reflexão sobre si mesma, uma autorreflexão. E aqui podemos nos remeter ao adágio socrático do “conheça-te a te mesmo” que Ricoeur reforça com outra máxima socrática segundo a qual uma vida não *examinada* não é digna de ser vivida (RICOEUR, 2010, p. 197). No caso em questão, precisamos examinar o si, começando por questionar aquilo que a filosofia reflexiva fez dele, isto é, um princípio fundante, um princípio epistemológico representado pela fórmula *cogito ergo sum*. Para isso, é importante saber que o *cogito* cartesiano é apenas um momento de pensamento, não uma proposição imutável, nem uma verdade eterna a dominar a história.

O *cogito* de Descartes é apenas um dos pontos culminantes – ainda que mais alto – de uma cadeia de *cogito* que constituem a tradição reflexiva. Nessa cadeia, nessa tradição, cada uma das expressões do *cogito* reinterpreta a precedente. Assim, podíamos falar: de um *cogito* socrático (“cuida de tua alma”) – de um *cogito* agostiniano (o homem “interior” “na flexão das coisas” “exteriores” e das verdades “superiores”), – de um *cogito* cartesiano, está claro, – de um *cogito* kantiano, (“o *eu penso* deve poder acompanhar todas as minhas representações). O “Eu” fichteano é, sem dúvida alguma, o mais significativo testemunho da filosofia reflexiva moderna: não há filosofia reflexiva contemporânea, como reconheceu Jean Nabert, que não reinterprete Descartes através de Kant e de Fichte. E a “egologia” que Husserl

tentou enxertar na fenomenologia é um desses gestos (RICOEUR, 1969, p. 233).

Temos uma cadeia cogitativa, uma série de estilos reflexivos, vários caminhos para realizar o “conheça-te”. Entretanto, como já foi dito, o caminho imediato não é o melhor, pois o “conheça-te...” não se reduz ao imediato existir-pensar. Assumindo essa posição, Ricoeur não somente se filia à filosofia reflexiva francesa, como também se coloca numa esfera maior do pensamento filosófico e dos seus desdobramentos ao longo dos séculos. Ele passa a fazer parte da filosofia do sujeito sem que isso signifique se alinhar a tríplice pretensão de autoposição, autofundação e evidencia intuitiva do *cogito* cartesiano. Pelo contrário, ele se torna seu crítico, sem apoiar sua total aniquilação ou diluição, como nos garante Desroches (2002). Numa palavra, Paul Ricoeur faz parte da cadeia reflexiva, endossando a vertente de resistência ao imediato, privilegiando mediações e resistindo às tentativas de diluição do *cogito*.

Pois bem, sendo a filosofia uma reflexão sobre si, as atenções de Ricoeur se voltam para esse si da reflexão e se perguntam sobre seu significado, sobre seu lugar na reflexão, sobre sua capacidade e falibilidade, sobre que tipo de sujeito é ele e, por fim, que tipo de ser é o si. Dizendo assim, atravessamos num raio a obra ricoeurina e já nos damos conta de que ele, sendo filósofo reflexivo é, por conseguinte, “filósofo do si” (RICOEUR, 2009, p. 245). Enquanto filósofo do si, não o concebe somente como *pensante*, pois além de ser insuficiente para caracterizar a reflexão, é também insuficiente para caracterizar *quem* pensa, isto é, o sujeito pensante (existente). Para ele, a reflexão consiste num trabalho de feitura, de análise e crítica, de composição e ordenação em torno de um princípio unificador, sem se confundir com a totalização de um saber. A reflexão, para dizer com Jervolino (2006), é um método que passa pela mediação dos signos, dos símbolos e dos textos e se torna reflexão interpretante. E quem reflete ou quem interpreta é um sujeito concreto e histórico, dotado de capacidades e falibilidades, desejoso de ser e de existir.

Portanto, a reflexão é sobre si mesmo, mas isso ao modo de esforço em vista de capturar, apropriar o *ego* (melhor dizer, o si), pois a posição do si não é dada, é uma tarefa. Apropria-se porque se está perdido entre os objetos e separado do centro de sua existência, tal como está separado dos demais e desconhecido por todos (RICOEUR, 2004, p. 41; 1970, p. 43). A apropriação é um movimento de saída sem

volta e enquanto sai ou vai, o *ego* (o si), tal qual princípio unificador, é perdido e reencontrado, desprendido de certezas e movido por um esforço contínuo de busca pela verdade de si. Para utilizar uma metáfora familiar aos textos ricoeurianos, é um contínuo êxodo em vista de uma terra prometida. Essa é uma imagem comum também a Emanuel Lévinas (1971), cujo pensamento também se aproxima, em muitos pontos, ao de Ricoeur, inclusive nesse aspecto de crítica ao *cogito* cartesiano.

Ora, se para a filosofia reflexiva ricoeuriana não é conveniente a autopoisição, nem a autofundação do *cogito*, tampouco será sua pretensão de transparência absoluta. Nesse sentido, além de Descartes e Kant, outro alvo de críticas é Husserl, legítimo continuador radical da filosofia do *cogito* (RICOEUR, 2009). Em Husserl, na esteira dos anteriores, vemos a tentativa de perfeita coincidência de si consigo mesmo, da consciência dotada de um saber irrefutável, absoluto e autossuficiente. Coisa que não convém, pois, os golpes dos mestres da suspeita, especialmente Freud, são suficientes para constatar a relativização da consciência em relação à realidade. Não cabe a ela o primado, não reside nela a fonte do saber. A consciência não foi e não poderá ser eliminada, pois é constitutiva do ser reflexivo, mas foi deslocada do centro, não está mais na posição de princípio e origem. Doravante, é ela uma tarefa ou meta a despeito das mediações, frente à realidade que a constrange a não mais perceber a si mesma de modo imediato, mas a refletir e conquistar o modo e a condição mais apropriada em cada momento (RICOEUR, 1970, p. 41-42; RICOEUR, 1969, p. 237). Conforme nos diz Ribeiro (2000, p. 100), “a consciência tem que se transformar em tarefa interpretativa de si mesmo, isto é, dos seus conteúdos vividos”. Isso faz com que o si da reflexão não se prenda à uma arqueologia (*origem*) nem a uma teleologia (*fim*) da consciência, pois sua característica é impulsionar, lançar-se, uma vez que a recusa à evidência de si impõe uma tarefa de contínua apropriação, de uma constante busca à afirmação de si.

Se o ego não é dado e se consciência é uma tarefa, a reflexão precisa se tornar interpretação. Assim, refletir é mais que intuir, é um ato existencial que comporta tanto o pensar quanto o agir. Refletir é realizar a mediação entre o interior e o exterior, entre o ego e a consciência face aos objetos, as obras e as ações. Uma reflexão alargada, nos moldes de interpretação, garante que o pensamento permaneça unido à existência concreta, retomando e recolocando questões a partir de cifras existenciais



do si, questões que requerem explicação e compreensão, isto é, explicar fatos ou explicitar fenômenos e compreender experiências apreendendo sentidos (RICOEUR, 1986, p. 162). Assim, podemos dizer que a compreensão se dá na interioridade do si, se dirigindo a uma unidade intencional, ao passo que a explicação se dá em sua exterioridade, visando uma estrutura analítica. Segue-se a isso uma dinâmica que vai da compreensão à explicação e vice-versa, sendo esse o movimento de reflexividade, que cresce, na medida em que é capaz explicar e compreender as realidades do mundo da vida. Explicar para compreender, compreender para explicar, pode ser o mote da filosofia reflexiva ricoeuriana.

Com acenamos, no caminho reflexivo Ricoeur postula que o *cogito* não é somente pensativo, pois é também volitivo. Quer dizer, *ego cogito* e *ego volo* são faces de uma mesma realidade de um *cogito total* que se encontra em cisão, fraturado. A fratura é resultado de sua exaltação e conseqüente humilhação, é resultado da polaridade entre *cogito* cartesiano e anti-*cogito* nietzschiano (RICOEUR, 1990, p. 15; 22). O *cogito* cartesiano é marcado pela ambição de fundamentação verdadeira e última. O anti-*cogito* nietzschiano, pelo uso da linguagem figurada, provoca a fragmentação e redução à pura ilusão do *cogito*. Dessa polaridade temos o *cogito fraturado* (*cogito brisé*) à espera de ser restaurado e, assim, recobrir sua totalidade. Sua restauração pode ser guiada pela linguagem que em suas sugestões e recursos repropõe a questão da subjetividade<sup>2</sup>. Repropondo a questão da subjetividade, é preciso que se evite cair nas armadilhas do substancialismo cartesiano e da ilusão nietzscheana. Por isso, Ricoeur faz dois desvios: o primeiro, a preferência gramatical do “si” ao invés do “eu”; o segundo, a escolha prática em colocar a pergunta *quem* ao invés de perguntar *que*.

A preferência gramatical se deve ao fato de que o *si* é pronome reflexivo da terceira pessoa, podendo ser reflexivo de todos os pronomes pessoais e impessoais. Estas condições favorecem um desvio que não é vão, pois além do valor reflexivo onipessoal, o *si* tem ainda amplitude onitemporal (RICOEUR, 1990, p. 12). Preferindo o *si*, Ricoeur pretende se manter distante das filosofias do sujeito que se baseiam na primeira pessoa, nas quais o “eu” se define como empírico ou transcendental,

<sup>2</sup> Sugerimos a leitura de nosso artigo: *Repensar a subjetividade com Paul Ricoeur*, publicado na *Illuminare – Revista de Filosofia e Teologia* em 2021.

independente e sem confrontação com um outro, desancorado das condições espaço-temporais. Em suma, a preferência gramatical é uma prevenção “contra a redução a um eu centrado sobre si mesmo” (RICOEUR, 1992 p. 165). É uma preferência referenciada na diferença encontrada em todas as línguas entre o *eu* e o *si* que permite deslocamento de foco: do *eu* que se desliza para a autorreferencialidade ao *si* que alarga os horizontes de significações. Ademais, se o *si* tem primazia em relação ao *eu* no que diz respeito à necessidade reflexiva, o *eu*, na verdade, existe na esteira do *si*.

A escolha prática de colocar a pergunta *quem* ao invés de perguntar *que se deve*, inicialmente, a uma distância do modo cartesiano de tratar a questão do *cogito*. Ricoeur faz perceber que a pergunta *que* nos conduz à substancialidade ao modo grego, pois, diante da pergunta o *que* é isto? (*tode ti?*) a tentação é responder: uma entidade (*ousia*). A bem da verdade, o problema não está nos gregos, e sim na tradição cartesiana que modificou a resposta. Deu a ela um sujeito (*eu, cogito*) a-histórico e desancorado (substancializado), fez o “eu” perder sua determinação singular por tornar-se pensamento, dificultando, assim, pensar em um sujeito com lastros concretos e históricos (RICOEUR, 1990, p. 18). Por outro lado, a questão *quem* é prática, evoca fatos históricos, implica descrição, prescrição e narração que faz emergir uma identidade que possui unidade e flexibilidade, sem cair em ilusões.

Com as preferências gramatical e prática, Ricoeur mostra que o *si* não é o eu cartesiano, nem uma ilusão nietzschiana. Se no primeiro caso temos um sujeito desancorado, no segundo pode-se constatar um sujeito sem lugar assegurado no discurso. O trabalho por mediação entre as preferências gramatical e prática constitui uma reflexão descentralizada que evidencia um *si reflexivo* enquanto sujeito que marcha para a conquista do *cogito integral*. A marcha evoca a ação e isso nos remete às perguntas orquestradas pelo *quem*: quem fala, quem age, quem se narra, quem é o sujeito moral de imputação (RICOEUR, 1990, p. 28). Tais perguntas nos fazem repensar a questão da identidade que, para Ricoeur, é dinâmica e possui duas significações: identidade *idem* (ou *mesmidade*) e identidade *ipse* (*ipseidade*). A primeira tem a ver com permanência e se manifesta sob a forma do caráter, no signo do invariável. A segunda caracteriza-se pela dinamicidade, pela persistência em se manter e se prolongar apesar das mudanças. A dialética da identidade *idem* e *ipse*

está para responder à pergunta *quem sou eu?*, base de toda filosofia reflexiva que ecoa aquele “conheça-te...” socrático (RICOEUR, 1985, p. 443; 1990, p. 28, 140, 168). Desse modo, a filosofia reflexiva está também para a filosofia da identidade, da identificação de *quem é* o sujeito que reflete, ou melhor, que tipo de sujeito é o si reflexivo, que tem nome: *ipseidade*. *Ipseidade*, portanto, é nome do si reflexivo aberto à alteridade e mantido na temporalidade.

Cabe-nos ainda dizer que a preferência gramatical (*si*) e a escolha prática (*quem*), promotores da *reflexividade*, nos instrui em diversos usos da linguagem feitos por Ricoeur, que podemos mencionar sumariamente, deixando o aprofundamento para outro momento. Partindo de seu trajeto, depois de se dedicar ao signo, ao símbolo e ao mito, Ricoeur se interessa pela linguagem enquanto palavra, frase e discurso, em diálogo com várias correntes linguísticas, especialmente de viés estruturalista e analítico. Para a filosofia, isso significa apoiar-se em recursos de mediações, realizando desvios do imediato e ampliando as possibilidades de reflexão. O signo, o símbolo, o mito, a palavra, a frase e o discurso são pavimentos de uma filosofia reflexiva, promotores não somente de seu aspecto linguístico, mas também da hermenêutica, que em Ricoeur ganha seu estatuto máximo com o nome de *hermenêutica do si* (*herméneutique du soi*).

Outro uso da linguagem feito por Ricoeur, digno de nota, está associado a filosofia anglo-saxônica. É a linguagem analítica que, utilizando-se da semântica e da pragmática, é capaz de identificar as coisas no mundo e extrair de uma série de coisas um indivíduo falante (RICOEUR, 1990, p. 39; 55). Com a semântica e com a pragmática, diga-se igualmente, operadores de individualização e atos de discurso, percorre-se o caminho da individualização e identificação do si. Para Paul Ricoeur, esses recursos da linguagem analítica estão em vista de propor um outro tipo de reflexão, uma inclinação realista que contrapõe a tendência idealista, uma vez que aponta para as realidades mundanas, via linguagem. Além disso, a filosofia analítica libera a ação da significação fechada, incapaz de dar conta da ação humana em sua tensão semântica e ontológica. E ainda um outro benefício é o de preparar o terreno para melhor caracterizar o *si* frente a necessidade de confirmação e certeza de sua existência.

Para entender essa confirmação e certeza de existência, é necessário fazer um longo caminho, o percurso da *hermenêutica do si*, que é de caráter epistêmico e ontológico. Andrade nos diz que “a ‘hermenêutica do si’ é um tipo de pensar colocado a igual distância de uma metafísica como a de Descartes e de uma ontologia [...] ao modo de Heidegger” (ANDRADE, 2017, p. 24). É um tipo de pensar reflexivo, portanto, mas diferente do modo cartesiano. Esse tipo de pensar é chamado por Ricoeur de via longa e se ocupa com as dimensões do *si*, esboçando uma ontologia cujas marcas são a *dialética* e a noção de *ser como ato*. Seguindo esse caminho, fica claro que o *si* é uma figura do *cogito* e que a *reflexão* é um *ato de mediação*<sup>3</sup>. Por isso, a imagem da via longa bem caracteriza o pensamento de Paul Ricoeur, pois é imagem da reflexividade que descentraliza e desafia o leitor a percorrer pacientemente um extenso e sinuoso itinerário, para assim poder compreender mais e melhor a si mesmo e o mundo. Nos desafiando, Ricoeur se mostra como filósofo reflexivo e, igualmente, filósofo do si.

### Considerações Finais

A influência da filosofia reflexiva e sua presença na obra de Ricoeur é inegável. Como já sabemos, seu pensamento é reflexivo, do ato reflexivo ou *reflexividade*. O que dissemos nesse artigo não fecha a questão. Muito pelo contrário, provoca a continuar investigando para saber outras nuances e desdobramentos dessa reflexividade. Por enquanto, basta dizer que em toda a sua trajetória Ricoeur reconhece sua filiação à filosofia reflexiva, permanece um filósofo do si e, no que tange à sua peculiaridade, se afirma como um filósofo do *ipse* – da *ipseidade*. A questão que colocamos nesse momento, mas não convém respondê-la agora, é saber que tipo de ser é esse *si*. Não é conveniente respondê-la porque seria uma resposta apressada, imediata. Por preferir a mediação, é preciso então que se percorra uma via longa para se chegar à ontologia, ao ser do si.

Por nossa rápida exposição, fica demonstrado que Paul Ricoeur pertence à *filosofia reflexiva*, sem nos esquecer de sua igual pertença à *fenomenologia* e à

---

<sup>3</sup> Para aprofundar nesse assunto, é digno de recomendação o primeiro capítulo, da primeira parte do livro de Johann Michel *Paul Ricoeur, une philosophie de l'agir humain*.

*hermenêutica*. Em alguns momentos, um aspecto se sobressai ao outro, mas é possível perceber a presença dos três em todas as discussões, desde as primeiras às últimas de suas obras. Como o pensar de Ricoeur é feito por composição, podemos dizer que a reflexão é enriquecida pela criteriosa fenomenologia que, por sua vez, é socorrida pela hermenêutica naquilo que ela não alcança, sendo que a hermenêutica é submetida à crítica da reflexividade. Então, embora seja importante saber sobre a relação entre Ricoeur e a filosofia reflexiva, isso não é suficiente para compreender a abrangência de seu pensamento. Fica, portanto, o convite para conhecer também sua relação com a fenomenologia e a hermenêutica, numa reunião crescente dessas três perspectivas.

## Referências

ANDRADE, Abrahão Costa. Paul Ricoeur: o sujeito na história. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 34, n. 108, 2017, p. 23-32.

CORREIA, Mário. Repensar a subjetividade com Paul Ricoeur. **Iluminare – Revista de Filosofia e Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFTEG)**. Goiânia, v. 4, n. 1, jan./jun., 2021, p. 62-76.

CORREIA, Mário. **Sujeito e Tempo em Paul Ricoeur**. Fenomenologia, Poética e Hermenêutica a subjetividade. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020.

DESROCHES, Daniel. Ricouer, crítico do cogito. *In*: CESAR, Constança M. (Org.). **A hermenêutica francesa – Paul Ricouer**. Porto Alegre: EDIPUCRES, 2002.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur: les sens d'une vie (1913-2005)**. Paris: La découverte, 2008. Tradução em português: **Paul Ricoeur: o sentido de uma vida (1913-2005)**. São Paulo: LiberArs, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 11, n. 30, 1997, p. 261-272.

JERVOLINO, Domenico. El cogito herido y la ontologia del último Ricoeur. *In*: MALET, Patricio Mena (Org.). **Fenomenologia por decir**. Homenaje a Paul Ricoeur. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2006.

LAUXEN, Roberto Roque. O significado da hermenêutica do si de Ricoeur: entre a polêmica do cogito e a reflexão. **Controvérsia**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, 2013, p. 13-22.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalité et Infini**. Essais sur l'extériorité. La Haye: Martinus Nijhoff, 1971. Em português: *Totalidade e Infinito*. Trad. J. Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARCEL, Gabriel. **Jornal metafísico**. Madrid: Gallimard, 1927.

MICHEL, Johann. **Paul Ricoeur, une philosophie de l'agir humain**. Paris: CERF, 2006.

NABERT Jean. Les philosophies reflexives. *In: Encyclopédie Française*, t. XIX, 1957.

RIBEIRO, João Amaral. **A hermenêutica de Paul Ricoeur face à filosofia reflexiva**. Lisboa: Phainomenon, Edições Colibri, 2000.

RICOEUR, Paul. **A crítica e a convicção**. Lisboa: Edições 70, 2009.

RICOEUR, Paul. Autobiografia intelectual. *In: Da metafísica à moral*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

RICOEUR, Paul. **Du texte à l'action**. Essais d'herméneutique II. Paris: Le Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. El hombre falible. *In: Finitude y culpabilidad*. Madrid: Trotta, 2004.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 1**: em torno da psicanálise. Tradução de Esaon Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 2**: Hermenêutica. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

RICOEUR, Paul. **Freud: una interpretación de la cultura**. Trad. Armando Suarez. Ciudad de México: Siglo XXI, 1970.

RICOEUR, Paul. **Leituras 2**. A região dos filósofos. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

RICOEUR, Paul. **Na escola da fenomenologia**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Porto: Rés-Editora, s/d.

RICOEUR, Paul. **Percours de la reconnaissance**. Paris: Stock, 2004. Tradução em português: **Percursos do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nymi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **Philosophie de la voluntad**. Le volontaire et l'involontaire. Paris: Éditions Points, 2009.

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Éditions du Seuil, 1990.  
Tradução em português: **O si-mesmo como um outro**. Trad. Ivone C. Benedetti.  
São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. T. 1,2 e 3. Paris: Seuil, 1983, 1984 e 1985.  
Tradução em português: **Tempo e Narrativa**. *Tomo I, II e III*. Trad. Constança  
Marcondes César. Campinas: Papirus, 2010.

Recebido em: 24.08.2022.

Aprovado em: 25.11.2022.